



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

O QUE PODE O CORPO FEMININO ENTRE PASSAGENS RIO-PELE?

WHAT CAN THE FEMALE BODY BETWEEN RIVER-SKIN PASSAGES?

Roseany Karimme Silva Fonseca¹
Maria Dos Remédios De Brito²

RESUMO

O presente trabalho se estabelece a partir da seguinte indagação: é possível a interlocução de percursos criativos distintos, elaborados por duas artistas-pesquisadoras tendo como principal mote as potencialidades e fragilidades do corpo feminino? Com base nesta questão, busca-se compreender de que maneira os respectivos fazeres artísticos dialogam enquanto *processos-cicatrices* e permitem um espaço e um movimento de reconstrução e fortalecimento dos corpos dessas mulheres, enquanto organismos e devires em percurso. Sob a ótica das artistas, sendo uma movida pela escrita e pelas artes cênicas (teatro) e a outra pela escrita e pelas artes visuais (desenho e pintura), procura-se um ponto em comum: o da transformação.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo Feminino, Cartografia de Si, Mulheres Artistas, Processos Criativos.

ABSTRACT

The present work is based on the following question: is it possible to talk about different creative paths, developed by two artist-researchers with the main motto of the female body's strengths and weaknesses? Based on this question, we seek to understand how their respective artistic dialogues as scarring processes and allow a space and a movement for the reconstruction and strengthening of the bodies of these women, as organisms and becoming on the way. From the perspective of the artists, one being moved by writing and performing arts (theater) and the other by writing and visual arts (drawing and painting), a common point is sought: the transformation.

KEYWORDS: *Female Body, Self Cartography, Women Artists, Creative Processes.*

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES/UFPa), na linha de Poéticas e Processos de Atuação em Artes. Bolsista CAPES. Colaboradora em Pesquisa e Montagem Cênica pela Escola de Teatro e Dança da UFPa – ETDUFPA e Atriz pelo Curso Técnico em Ator pela mesma instituição. Graduada em Psicologia e Especialista em Psicopedagogia. E-mail: rose.karimme@gmail.com

²Professora associada da Universidade Federal do Pará, no Instituto de Educação Matemática e Científica e no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES/ICA/UFPa). Doutora em Educação, integrante do grupo de estudos: Filosofia, Cultura, Subjetividade e do grupo de pesquisa CONVERSARÇÕES: Filosofia, Educação e Arte, ambos cadastrados na UFPa e no CNPq. Integrante do coletivo Brutus Desenhadores (Experimentações diversas com desenho). E-mail: mrdbrito@hotmail.com



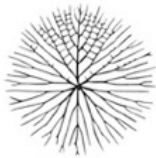
A proposta deste trabalho surge da aproximação entre duas mulheres artistas que se encontram no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará – PPGARTES/UFPa: uma delas, mestranda do programa e a outra, docente do mesmo programa. A aluna, que transita entre uma formação em Psicologia e outra em Teatro, propõe uma pesquisa em arte, na linha de pesquisa de Poéticas e Processos de Atuação em Artes; a professora, que ministra a disciplina Pesquisa e Processos Metodológicos em Artes. Ambas se encontram no ano de 2018 e participam do grupo de estudos ConversAÇÕES: Filosofia, Educação e Arte.

O trabalho se estabelece a partir da seguinte indagação: é possível a interlocução de percursos criativos distintos, elaborados por duas artistas-pesquisadoras tendo como principal mote as potencialidades e fragilidades do corpo feminino? Com base nesta questão, busca-se compreender de que maneira os respectivos fazeres artísticos dialogam enquanto *processos-cicatrices* – também chamados de etapas poéticas – e permitem um espaço e um movimento de reconstrução e fortalecimento dos corpos dessas mulheres, enquanto organismos e devires em percurso. Sob a ótica das artistas, sendo uma movida pela escrita e pelas artes cênicas (teatro) e a outra, pelas artes visuais (desenho e pintura), procura-se um ponto em comum: o da transformação. Por meio de cartas, desenhos e cena, as duas artistas procuram se relacionar com suas próprias criações, perceptos e afetos, e compreender de que modo o corpo feminino pode ressignificar a si mesmo.

CORPOGRAFANDO CICATRIZES: PAISAGENS, MARGENS E FLUXOS

Um dos processos relatados neste trabalho utiliza a ideia da *corpografia* para compreender de que maneira o corpo da própria pesquisadora atravessa e é atravessado por uma poética teatral.

O estudo da corpografia constitui-se por uma dança das memórias que é enaltecida pela ação física nascente do treinamento e de impulsos e acessos que dilatam o corpo e o colocam em estado de receptividade do devir. Tal (re)criação é encarregada de buscar memórias já vividas. (JACOPINI, 2016, p. 1554).



Este processo constitui-se como parte integrante de uma pesquisa de mestrado em andamento. Por meio de uma escrita poética, acionam-se memórias e um trabalho de criação cênica, através de uma presentificação. Bergson (2006) considera que a memória não é lembrança, nem passado; mas sim presente, portanto, criação e inventividade. Desta forma, lembrar é recriar no presente atual, ativando pelo corpo um atravessamento de forças. Assim, questiona-se: por que (ou por quais) motivos corpografar cicatrizes? Neste trabalho, mostra-se um fragmento da carta, intitulada *“Entre Paisagens, Margens, Fluxos”*, a qual traz um registro fotográfico para compor com o trecho da correspondência apresentado:

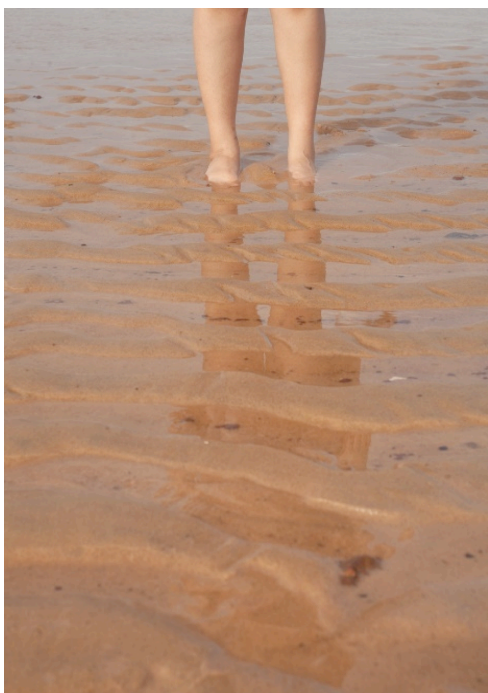
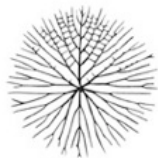


Figura 1 – Fragmentos. Fonte: fragmento que compõe a carta utilizada na pesquisa de mestrado em andamento. Ano; 2018.

O que te atravessa? Por onde observas? Se fosses contar tua história, de que forma seria? Farias uma música, pintarias um quadro, escreverias um texto, tirarias uma fotografia? Qual a linguagem que te atravessa para que possas suprir as enchentes e vazantes do teu próprio rio? Somos todos navegantes, desde a morada no oceano materno até o buraco debaixo da terra. Existimos entre terra e água, em um percurso



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA

*fronteiriço, em uma grande viagem.
Viver é uma grande brecha entre
espaços vazios, este mar enorme
entre margens desconhecidas.*

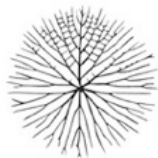
Ao propor diversas indagações por meio de questionamentos e metáforas, a autora da correspondência indaga: quando se fala sobre o corpo, de qual corpo se fala? A imagem de corpo que se imagina na criação em artes cênicas pode seguir diversos contornos: o corpo cênico na rua, na caixa, na máscara, no clown, no teatro de sombras, entre outros.

A criação do ator é imbuída de seu repertório, do vocabulário que ele construiu ou aprendeu ao longo dos anos. Esse vocabulário se constitui da memória da pele, da memória das histórias, das tradições do ofício aprendidas, praticadas, ressignificadas, a memória da vida imitada – *mímesis*. (COPELIOVITCH, 2016, p.84).

O corpo cênico permite uma espécie de fala corporal, como na dança, mas que não é mais somente movimento, pois se introduzem a palavra (dramaturgia) e a cena (ação). Ambas transformam o território cênico em um espaço falado e habitado por multiplicidades:

Se o corpo do ator é, já em si mesmo, território cênico, onde o movimento dos gestos e dos olhares e as máscaras naturais do rosto são dança de afetos e jogo de emoções na lúdica construção da personagem, o espaço do palco é um prolongamento do corpo do ator e se o corpo do ator é um corpo vivo e dinâmico também o espaço do palco em que esse corpo se movimenta é um espaço vivo e dinâmico, habitado por tensões, forças, conflitos, com múltiplos centros correspondentes ao corpo dos outros atores. (ANDRÉ, 2002, p. 21).

Corpografar, neste trabalho, corresponde a compreender as memórias de fragilidade e potência deste corpo cênico em percurso. As passagens rio-pele mostram-se como os múltiplos caminhos possíveis de elaboração artística, considerando a história de vida e as raízes da artista-pesquisadora. Nos próximos itens, são apresentados os escritos poéticos da outra artista, que dialoga com alguns pensadores da filosofia e com suas próprias produções – pinturas autorais em aquarela – para compreender que corpo é este.

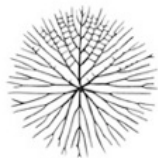


Quais seriam as propostas de criação destes corpos? Que corpos trabalham por meio das fragilidades em outros movimentos artísticos? Ambas as artistas-pesquisadoras consideram que o corpo é um arcabouço de produção artística. A ideia de passagens rio-pele surge para dar conta dos espaços femininos enquanto produção de subjetividades e pela ligação com o elemento água. Enquanto uma parte de cartas para reconfigurar seu próprio corpo em um processo de pesquisa, a outra (BRITO, 2015) produz textos poéticos que inter-relacionam filosofia, educação e arte, utilizando-se de um discurso marcado pela Filosofia da Diferença para a produção, tanto de seus escritos poéticos, quanto de seus desenhos/traços em aquarela.

INVENTAR PARA SI UM CORPO

O homem, esse animal estranho, animal confuso, incerto, segue tateando o mundo, segue de lado, de frente, de costas, animal cheio de medos, de angústias; animal que se veste de tantas cores, multicolor; animal que se pergunta, que sente desespero e carrega em si uma inquietude demasiadamente humana. Desumanizar um pouco, talvez, para elaborar outras perguntas, sentir outras vidas em seu corpo, esse que ainda pouco se sabe... É uma luta para dar forma a esse corpo humano, uma luta diária de embates e de comandos. Dar forma a própria vida, moldá-la, converter-se em fonte de alguma coisa, presenciar um modo, inventar para si um estilo, de modo que o corpo possa ser ele mesmo um fazer em obra. Ser autor do próprio corpo, tornando-o existencial, experimental, produzir com ele e nele uma espécie de cena, transmutá-lo, mesmo tomando para si todos os preços do mundo. Isso tudo perpassa por aquilo que Nietzsche (2009) poderia chamar de uma “segunda” natureza, essa que seria primordial para que se tome posse da “primeira” natureza. Tarefa essa nada fácil.

O autor supracitado não deixou de buscar os antigos, a sua concepção do que seja a filosofia advém efetivamente deles, quando advoga que a mesma está ligada a vida, assim como Espinosa (1992). A filosofia nasce da vida e o seu

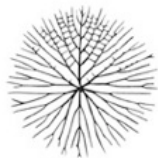


IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

movimento fundamental é para recriar e reinventá-la. Os conceitos não são para serem espanados e cultivados, apartados do mundo, ao contrário, eles nascem de uma dura compreensão da imanência. Então, um corpo deve encarnar a vida, assenhorear-se dela, fazendo do pensamento um ato de intensidade para que o pensador, em sua automodelação/transfiguração, saiba de algum modo que habita em suas entranhas um quase estranho, mas o estranho pode e deve passar por uma escuta amorosa diante das multiplicidades de vozes que atravessam as forças dos corpos e de seus encontros. Não é fácil produzir uma administração sobre si mesmo, não é fácil orquestrar a potência que dele emana. A tarefa do grande homem, aquele que deseja ser senhor de si mesmo, é configurar uma transformação de si, ou como diz Foucault (2010), um cuidado de si. Nada disso tem ligação com um individualismo, mas sim com um processo lento de trabalho para forjar uma singularidade, aquilo que é de mais particular em cada indivíduo. Nietzsche (2002), com sua crítica corrosiva à tradição, nos ensina que o inaudito é a vida, isso que nos arrasta e nos impõe o devir, a plasticidade do corpo – é ela que diz que potência é corpo.

Os encontros formam uma porção de alegria e ou de tristeza em nós, ao mesmo tempo em que encontros são intensivos e extensivos, lentos ou velozes para pensar como Espinosa (1979). Não se pode efetivamente dizer o que um corpo pode – no máximo, se pode experimentar esse corpo, fazê-lo escorregar entre as veias do mundo, desenraizá-lo das fontes segmentárias e dogmáticas, impor para si vitalidades. Experimentar o corpo é desafiador e, inclusive, é perturbador quando não se sabe o que ele pode, se está de alguma forma sem o seu comando, ser estranho a si mesmo. É preciso certa prudência quando olhar o abismo, pois ele pode devorar esse observador; certa prudência nas aventuras humanas, pois o humano é ser que não se sabe quem é. Nada disso quer dizer, não faça experiência, ao contrário, experimente a vida, mas não se deixe virar um farrapo humano, pois não se sabe o que pode um corpo entre outros corpos. É duro criar para si um corpo, talvez, no corpo não se chegue, mas sempre será possível desenhar, rabiscar, polir a pedra, raspar o mármore, dar para si um determinado comando, certo estilo, mesmo que nunca esteja acabado ou dado por um fim.



POÉTICAS NAUSEANTES

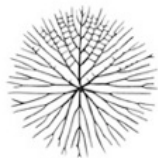
Exercícios de experimentação inventiva do corpo pela escrita... Quando tudo dói, o corpo vai inventando sintomas para viver, para nascer...São cartas colhidas em momentos duros que exige do corpo uma aposta da vida...Coletar sensações por entre linhas e palavras faz com que o corpo grite: Eu ainda existo e persisto!

...SOU UM CORAÇÃO BATENDO...

É apenas um pequeno retrato, um minúsculo retrato, talvez um ponto, o menor possível, alguma coisa mole, frágil, redonda, líquida, configurava uma espécie de imagem arredondada, aparentemente mole, sem nitidez formal. Entre claro, escuro, imagem borrada, acompanhava uma interioridade, uma profundidade, como se estivesse em uma caverna, em uma cuba, precisamente, encontrei um nome: ovo.

Tudo que sei dessa imagem mole, frágil, é que não sei nada, mas ao mesmo tempo parece que sei, que tenho algo a dizer, mas não do em si da imagem, mas do que atravessou a imagem...Ela pulsou! Tudo que permite narrar de sua existência está ligeiramente amarrada, colocada, grudada em mim...Uma necessidade de dá-lhe vida, uma narrativa, quem sabe... Mas, essa vida dada pela escrita não é.

Onde está sua visualidade? Manchada no meu corpo, pertencente aos riscos da memória, linha traçada é tatuada no meu sangue. Essa presença é um pequeno feixe de luz, branda, pálida imagem viva de uma potência geradora... Ela só existe porque eu ainda existo, assim suponho. A minha possível alegria, ao retratar o que efetivamente não sei quem foi, quem seria, ou se seria alguma coisa, é que eu a senti... Senti!, Senti uma virtual efetuação...Como existir, mas ao mesmo tempo ser um virtual? Eis o aparente paradoxo.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA

O que é sentir esse menor possível? Esse mistério que foi sua presença? Essa presença já ausente...esse contar no tic tac do relógio por sua presença...Eu nem sei quem era, veio, chegou até mim, não me pediu permissão...entrou.

Sua presença instaurou um efeito no corpo, nos seios, no sono, no cheiro ... essa presença misteriosa alterava um território, era tudo sutil, necessitando de uma dobra, uma outra dobra dentro da dobra, fora da dobra, uma dobradura da dobradura que poderia entrar em conexão com a própria dobra dessa dobra do ponto menor possível da dobra. Alguma coisa se mantinha em alerta!

Que voz é essa que nunca escutei em sua efetuação, mas que cheguei a ouvir? Que voz é essa que permanece sem história, mas que teve um mundo para si? Que voz é essa que reclamou uma permanência, se fez presente no momento que chegou e partiu?

Um rosto? Não vi, mas sei que posso criar, dizer vários rostos...Isso, efetivamente não importa. Um rosto não importa mais do que uma marca, um risco bordado na pele...pulsar rapidamente bumbumbumbummmmmmbummm.... Esse coração só bateu no meu mundo. Que minhas mãos quiseram alisar sua cabeça...pois, foste um coração batendo dentro do meu...

A CARTA RIO-MAR

“Quantos sons tem o Rio-Mar? Creio que vários! No meu Rio-Mar tem um som que gosto de cultivar. O som nauseante... O meu Rio-Mar tem náusea, umas das afecções mais terrível do humano. Alguma coisa da ordem do paradoxo, pois esse sentimento parece ser contra o desejo, ponto fundamental para a produção. No entanto, o apetite não deixou de cessar em mim. Essa doença do mar causada pelo balanço da embarcação, esse enjoo, essa sensação desagradável, experimentada no interior do corpo, por vezes, vem seguida de vômito, não é nada belo e nem poético, ao contrário, destaca a decomposição, a decadência do corpo, pois o mesmo parece sentir alguma da ordem do insuportável, alguma coisa atravessa o corpo que não pode perdurar na carne e nem nos sentidos. Uma experiência que invade o corpo e o torna precário. Similar a tal decadência são as alergias corporais,



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

as secreções, as fezes, as feridas, aparições que entram no corpo adoecido por dores psíquicas e outras enfermidades...Aparições nada belas! Coisas feias! Se for pensar na nossa sociedade atual muitas dessas dores não podem ser visíveis e nem relatadas.

Uma sensação que percorre os órgãos corporais apontando o que não pode permanecer, como um comportamento, um fazer, um gesto, uma fala, um crime, uma posição política, uma traição, uma mentira, uma falta. O nojo atravessa a experiência. O estado nauseante é aquilo que não pode mais permanecer perto, mas também pode ser uma espécie de atitude estética acerca da decomposição. É um sentimento do antialimento, do antigosto, da convalescença. Contudo, me parece que não é um simples negar, na medida em que o nauseante não permite digerir o insuportável. Há, portanto, uma radicalidade neste estado, o que não pode ser engolido deve vomitado. Podem sair processos poéticos nesse aparente estado de declínio? Que poderes podem atravessar o estado nauseante do corpo? Que desejo pode emergir do nojo? Que estética pode ser criada? (...) Onde está sua visualidade? Manchada no meu corpo, pertencente aos riscos da memória, linha traçada é tatuada no meu sangue. Essa presença é um pequeno feixe de luz, branda, pálida imagem viva de uma potência geradora... Ela só existe porque eu ainda existo, assim suponho.

RESSUSCITA-ME!

Ressuscita-me, antes que tudo morra...Quem pode se permitir a tal tarefa descomunal? Dar vida ao outro quando a sua própria já está quase falida... Seria pedir uma tarefa monstruosa, se fosse para alguém...Não! esse pedido nunca poderia ser feito para o outro, esse pedido é para mim mesma, mas me encontro sem força, sem qualquer esperança possível, pois fui morta! Morta por saber do horror que abriga aquele que esteve mais próximo de mim...Eu morri várias vezes, durante essa vida tive que morrer, mas ressuscitei outras, me arranquei pelos cabelos e fui. Só que essa morte, essa foi difícil levantar, acho que nem levantei! Eu não esperava, ela veio como um fantasma, sem me olhar, sem me avisar...Mas confesso, fui eu que não quis olhar, todos os horrores já estavam ali, há muito



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

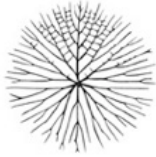
BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA

tempo... Eu nem desconfiei que eu já estava morta com a indiferença, com a porta do quarto fechada, com os silêncios no interior da casa, com os corpos separados na mesma cama, depois em quartos separados, com as despedidas a distância, com a falta de abraço, com a falta de carinho, com a falta de cuidado, com as ausências nos domingos, com os telefonemas as escondidas...com todas as mentiras... Com a falta de amor, acima de tudo. O pior de tudo, que essa morte ainda está aí...Na presença de amores servis...Eu constatei, há em todos um charlatão. Eu mesmo sinto esse charlatanismo bem próximo de mim, na espreita... cuido para não deixar que me vença..., pois um charlatanismo vencido, dói... Dói muito.

AS LINHAS POÉTICAS PELO DESENHO: exercícios de experimentação do corpo por traços, cores e linhas.



Figura 2 – Aurora. Pintura em Aquarela. Fonte: produção autoral de Maria dos Remédios. Ano: 2019.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA

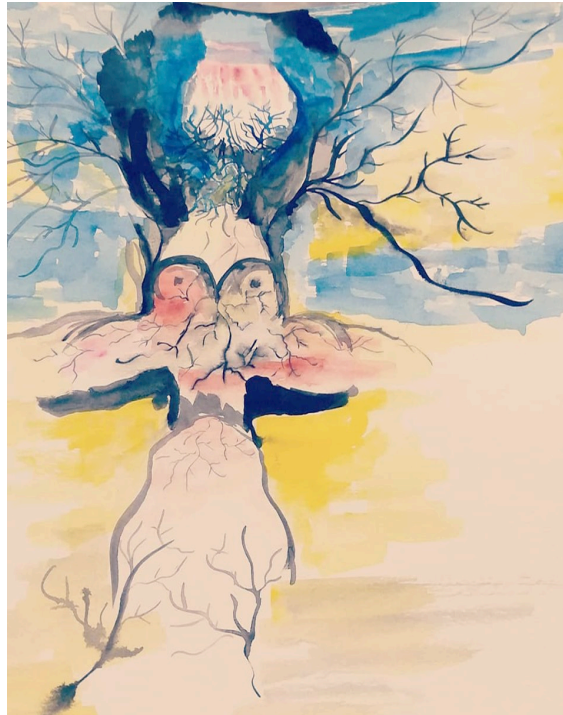
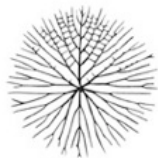


Figura 3 – Convalescência. Pintura em Aquarela. Fonte: Produção autoral de Maria dos Remédios. Ano: 2019.



Figura 4 – Alvorada-mulher. Pintura em Aquarela. Fonte: produção autoral de Maria dos Remédios. Ano: 2019.

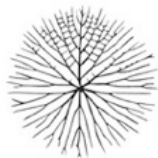


IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA



Figura 5 - Corpo diluído. Pintura em Aquarela. Fonte: produção autoral de Maria dos Remédios.
Ano: 2019.

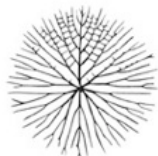


IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA

CONCLUSÃO

Este trabalho remete e dialoga com dois corpos femininos que apostam na transformação de si pelo ato criador... Em sua composição, que intercala textos de ordem teórica e poética, o trabalho se localiza justamente na expressão de um corpo feminino por meio de linhas, palavras, traços e ações poéticas. Não se fala aqui sobre cura, mas em trabalho diário do corpo para consigo mesmo; um trabalho ao qual remete a escuta e o diálogo com o corpo na sua maior profundidade. Há uma aposta na arte como possibilidade de abertura da carne, do corpo atravessado por memórias, por sensações, por afetos. Este corpo pode fazer travessias inventivas e criar novos sentidos, novos processos de subjetivação, possibilitando com que a arte seja potencializada pela vida em sua maior potência criativa. Para que o corpo feminino não sucumba ao real dogmático e nem às limitações que já costumam se impor, os processos artísticos operam no sentido de uma arte que produz o real, elaborando mundos possíveis. Assim, estes dois corpos femininos se auto conduzem por meio de processos de criação, elaborando gestos de si. Que outros corpos femininos possam posteriormente embarcar nessa travessia.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, João Maria. **As artes do corpo e o corpo como arte**. Philosophica, 2002.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes: 2006.

BRITO, Maria dos Remédios de. **Entre as linhas da educação e da diferença**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

COPELIOVITCH, Andrea. O trabalho do ator sobre si mesmo: memória, ação, linguagem e silêncio. **Conceição/Conception**, v. 5, n. 2, p. 76-89, 2016.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

_____, Baruch. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FOUCAULT. M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes; 2010.

JACOPINI, Juliano Ricci. Corpografia: indícios de criação para o ator-dramaturgo. In: IX CONGRESSO DA ABRACE. 9. 2016. Campinas: UNICAMP. Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. **Anais**. p. 1543-1560.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2009.

_____, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2002.